



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

COMPREENDENDO O PROJETO REDES DE REFERÊNCIA PARA AGRICULTURA FAMILIAR A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ATORES ENVOLVIDOS

Understanding the Reference Network for Family Agriculture Project from the Involved Subjects' Social Representation

RESUMO

Na década de noventa foi lançado pelo Governo do Paraná o Projeto “Redes de Referência para a Agricultura Familiar”, no sentido de obter avanços metodológicos e tecnológicos no campo. Esse Projeto foi desenvolvido a partir do envolvimento de três atores: pesquisadores do IAPAR (Instituto Agronômico do Paraná), extensionistas rurais da EMATER (Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural) e produtores rurais da agricultura familiar. Objetivou-se, no presente trabalho, desvendar as representações sociais que cada grupo social tem do Projeto e, conseqüentemente, da sua ação desenvolvida em rede. Para tal empreendimento, serviu-se da Teoria das Representações Sociais. Trata-se de uma pesquisa caracterizada como qualitativa e descritiva. A análise revelou a existência de representações diversas que, por conseguinte, mostra que os atores entrevistados têm maneiras diferentes de entender o Projeto. Foi possível concluir que a organização em rede no Projeto estudado, considerando a participação dos três atores, existe de maneira pontual e está relacionada a aspectos pessoais e subjetivos dos atores, que extrapolam a estrutura organizacional configurada em rede.

Evandro José da Cruz Araújo
Universidade Estadual de Maringá
evandrojose@hotmail.com

Elisa Yoshie Ichikawa
Universidade Estadual de Maringá
eychikawa@uem.br

Recebido em 16/11/09. Aprovado em 10/12/10
Avaliado pelo sistema blind review
Avaliador Científico: Ricardo Pereira Reis

ABSTRACT

The government of the state of Paraná, Brazil, launched in the 1990s the “Reference Network for Family Agriculture” Project in order to obtain methodological and technological development in the rural area. The project was developed through the participation of three subjects: Iapar (Paraná Agronomy Institute) researchers, rural extension leaders of Emater (Paraná Institute for Technical Assistance and Rural Extension), and farmers working in a familiar system. Current research reveals the social representations that each social group has with regard to the Project and, consequently, the network activities which they were developed. The Theory of Social Representations was employed for the above-mentioned qualitative and descriptive research. Analysis revealed several representations which, as a matter of fact, presented that the interviewed subjects have different points of view on the project. Results show that, taking into account the participation of the three subjects, the Project’s network organization exists in located sites and is related to the subject’s personal and subjective aspects that go beyond the network-proposed organizational structure.

Palavras-chave: Teoria das Representações Sociais, agricultura familiar, Projeto Redes de Referência para a Agricultura Familiar.

Key words: Theory of Social Representations, familiar agriculture, “Reference Network for Family Agriculture” Project.

1 INTRODUÇÃO

Investimentos na chamada agricultura familiar¹, principalmente no que diz respeito à pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias e nas políticas de acesso ao crédito e financiamento da produção, abrem caminho para que os países avancem na modernização da produção agrícola e no desenvolvimento econômico e social. No Brasil, a política de investimentos para agricultura familiar iniciou-se por volta de 1996, ano em que o censo agropecuário do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística – IBGE (2006) constatou que no país existiam aproximadamente 4,14 milhões de propriedades rurais familiares, cerca de 85% dos imóveis rurais do país, representando 30,5% da área total e 38%

¹ A agricultura familiar envolve basicamente a articulação de três elementos: gestão, família e propriedade rural. Suas definições mais comuns estão relacionadas ao aspecto da gestão familiar, ou seja, propriedades rurais cuja gestão está sob a responsabilidade de pessoas de uma mesma família (QUEIROZ, 2003).

do valor bruto da produção agropecuária (KÜSTER; MARTÍ, 2004).

No ano de 1998, o governo paranaense, através de um programa de fomento ao desenvolvimento social e econômico de pequenos agricultores, o “Paraná 12 Meses”², propiciou o surgimento do “Projeto Redes de Referências para a Agricultura Familiar”. O Projeto Redes, como ficou conhecido, foi desenvolvido pelo Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR) e pelo Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/PR)³. Baseado no modelo francês do *Institut de l’Élevage*⁴, a intenção do Projeto é que o foco da pesquisa e da extensão rural não permaneça somente nos produtos, mas nos sistemas produtivos, para que, melhorados tecnologicamente, tornem-se referências para outros sistemas semelhantes (PASSINI et al., 2004).

O Projeto tem como proposta trabalhar na configuração de redes, com base na ideia da interação: os agricultores fornecem dados, transmitem seu conhecimento adquirido durante toda a vida no campo, geram demandas para novas pesquisas, participam de reuniões enquanto lideranças e tornam-se testemunhas dos avanços ocorridos em suas propriedades; mas recebem toda sorte de informações técnicas, visando à

melhora e potencialização de seu trabalho. Pelo Projeto, a relação entre pesquisadores, extensionistas e agricultores não deve ser uma relação vertical, nem hierárquica, mas baseada, portanto, em um processo interativo, em que todos participam intensamente de cada etapa (PASSINI et al., 2004).

Objetivou-se, no presente trabalho, estudar o Projeto Redes de Referência para a Agricultura Familiar e, como embasamento teórico, a apropriação dos estudos sobre o fenômeno da representação social, a partir da Teoria das Representações Sociais, uma vez que a intenção é captar o entendimento que cada grupo social tem do Projeto e de sua atuação dentro dele.

A Teoria das Representações Sociais não é uma novidade no ambiente acadêmico. Muitos pesquisadores apropriaram-se do conceito de representação social para aprofundar objetos de pesquisa circunscritos na relação indivíduo-sociedade. A teoria é um meio pelo qual se busca compreender que concepção e significado um sujeito ou grupo social dá a um determinado objeto, e por quais caminhos essa imagem é constituída (MOSCOVICI, 1978).

Nesse contexto, correspondente à temática inscrita no universo teórico da Teoria das Representações Sociais, com suas inquietações e atrativos, esclarece-se que esta pesquisa buscou aprofundar estudos que revelassem como os atores envolvidos representam, enquanto grupo social, um fenômeno no qual estão inseridos. Assim, considerando que a execução e condução do Projeto envolve pesquisadores do IAPAR, extensionistas da EMATER e produtores rurais da agricultura familiar, procurou-se compreender e interpretar a representação social que tais atores têm do Projeto Redes.

2 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Nos últimos anos, pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento apropriaram-se do conceito de representação social para investigar os mais diversos objetos de pesquisa. O responsável por inaugurar o conceito e depois a Teoria das Representações Sociais, foi o estudo “La Psychanalyse, son image, son public”, publicado por Serge Moscovici, em 1961, na França. Sua intenção era entender a visão que o público em geral, além de especialistas sobre o assunto, tinha da psicanálise, uma técnica utilizada na psicologia (MOSCOVICI, 1978).

Alguns questionamentos, envolvendo diferentes concepções epistemológicas, perseguiram a Teoria das Representações Sociais ao longo de sua existência e no âmbito psicologia social. São variados os modos de conceber o homem e a sociedade entre teóricos da

¹ “Paraná 12 Meses” é um projeto do governo paranaense, lançado em 1998, em parceria com o Banco Mundial. Foi expandido por todo o Estado do Paraná, a fim de ser um mecanismo de minimização dos problemas sociais dos pequenos agricultores. O projeto abrange os setores da habitação e saneamento básico; recuperação e preservação do solo agrícola e do meio ambiente; geração de postos de trabalho na área rural; aumento da renda familiar e manutenção dos ganhos durante os 12 meses do ano (MANUAL..., 1999).

² O IAPAR foi fundado em 1972, e é o instituto oficial de pesquisa agropecuária do Estado do Paraná. A EMATER, fundada em 1956, é o instituto oficial responsável pela extensão rural e assistência técnica junto à população rural do Estado do Paraná.

³ *Institut de l’Élevage*: organização francesa administrada por produtores, que se dedica à produção animal, desenvolve ações de pesquisas aplicadas, atua na transferência de tecnologias e consultoria técnica, trabalhando na produção de vários tipos de animais, sobretudo, para o abate e produção leiteira (SOARES JÚNIOR et al., 2000).

⁴ A palavra “figura” exprime melhor que a palavra “imagem”, por não se tratar somente de um reflexo, uma reprodução, mas também de uma expressão e de uma produção do sujeito (MOSCOVICI, 1978, p. 56).

sociologia e da psicologia, e também existem diferenças que envolvem a apropriação de métodos científicos como o indutivo e dedutivo, o método dialético, o estruturalista e o fenomenológico. Existem os teóricos inclinados à concepção de psicologia social mais voltada à psicologia, chamada de psicológica; e outros adeptos de uma concepção de psicologia social mais sociológica ou psicossociológica. A primeira parte do pressuposto da influência do indivíduo na formação do conhecimento, enfatizando a objetividade dessa relação e é mais defendida pela escola norte-americana. A outra admite a influência do indivíduo, mas o compreende como sujeito suscetível e construído sob forte influência da sociedade, e é mais aceita e difundida pela escola européia. Para Farr (1995), esse é um debate entre norte-americanos e europeus, e é na perspectiva mais sociológica dos europeus que se encaixa a teoria aqui utilizada. Nesse sentido, Farr (1995, p. 31) defende: “a Teoria das Representações Sociais é uma forma sociológica de psicologia social” e como tal precisa ser estudada, sem que pretenda fazê-lo pelas vias da psicologia puramente cognitiva.

Foi no termo “representações coletivas” cunhado por Émile Durkheim que Moscovici baseou-se para a construção do conceito de representações sociais. Jodelet (2001) afirma que representar ou se representar consiste no ato de um pensamento no qual um sujeito se conecta a um objeto. A existência de um objeto é imprescindível para que haja representação, sem ele essa não existe. Tal objeto, sendo real ou imaginário, pode ser desde uma pessoa a uma coisa, ou ainda um acontecimento, um fenômeno natural ou uma ideia (JODELET, 2001).

Jodelet (2001) complementa que nessa realidade de mundo dos “objetos, pessoas, acontecimentos ou ideias, não somos (apenas) automatismos, nem estamos isolados num vazio social”, mas “partilhamos esse mundo com os outros, que servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo”. Daí a importância das representações sociais na vida cotidiana, pois essas “nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva” (JODELET, 2001, p. 17).

Acevedo et al. (2006) expõem que existem tanto representações sociais amplas, que englobam todo um período social e histórico, como as menos complexas, que se relacionam com determinadas dimensões da realidade. Entretanto, elas originam-se das experiências dos

indivíduos que fazem parte de uma sociedade, refletindo sobre suas vivências em busca de significado de suas vidas. São produtos tanto dos ideários das elites, como do modo de pensar do povo e de seus intelectuais, estando impregnadas por contradições, resistências, conflitos, resignações e interesses particulares de diferentes grupos, pois tanto as cognições como os afetos são gerados da realidade, do contato e da fala entre os seres humanos por meio de suas instituições, mitos, heranças histórico-culturais e com a comunicação em massa.

Jovchelovitch (2000) acrescenta que as representações sociais envolvem a cognição (conhecer o mundo de certo modo), os afetos (desejo e/ou paixão de saber ou não saber sobre o objeto) e a ação (práticas sociais). A cognição envolve formas de saber e fazer, que são parte de uma cultura popular, erudita e científica, dando significado à realidade do indivíduo. Os afetos envolvem desejo e a paixão de se saber algo, ou sobre o objeto do saber. Portanto, não é possível estudar as representações sociais apenas por meio de mapas cognitivos. A ação é impulsionada pela cognição e pelos afetos que as pessoas expressam.

A representação social tem, portanto, a função de interpretar, remodelar e reconstituir objetos, especialmente aqueles que nos causam ameaça por desconhecimento e estranheza ou que estejam ausentes (MOSCOVICI, 1978). A construção teórica de Moscovici (1978) conduz a duas observações importantes: primeiro, o processo psíquico de tornar familiar o objeto estranho e ausente é uma atividade de construção de uma figura do objeto, que difere de qualquer conhecimento intelectual e sensorial; segundo, que esse mesmo processo, desdobrando-se na construção criativa de uma figura remodelada e nova por parte de indivíduo ou grupo, atua nesse, enquanto sujeito que também é, de algum modo, transformado pela relação com a figura de maneira que lhe atribui um significado ou significação. “No real, a estrutura de cada representação apresenta-se-nos desdobrada, tem duas faces tão pouco dissociáveis quanto a página de frente e verso de uma folha de papel: a face figurativa e a face simbólica” (MOSCOVICI, 1978, p. 65). Desse modo tem-se que: “representação = imagem / significação”, ou seja, para cada figura⁵ existe um sentido e para cada sentido existe uma figura (MOSCOVICI, 2004, p. 46).

⁵ A palavra “figura” exprime melhor que a palavra “imagem”, por não se tratar somente de um reflexo, uma reprodução, mas também de uma expressão e de uma produção do sujeito (MOSCOVICI, 1978, p. 56).

Seguindo ainda o raciocínio de Moscovici (1978, 2004), interessa o lugar no qual as representações sociais se situam em uma “sociedade pensante”. Para explicar isso, o autor fala em dois universos presentes em nossa cultura: *universos consensuais e universos reificados*.

Nos universos consensuais “tudo o que é dito ou feito ali, apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do que contradiz a tradição” (MOSCOVICI, 2004, p. 54). Como se vê, o universo consensual é composto por grupos de pessoas que se encontram em situação de igualdade, liberdade e em condições de expressar em nome do grupo. Não existe, nesse universo, capacidade ou conhecimento técnico e científico no qual o indivíduo sustenta seu pensamento e ação, a partir do instituto da competência, esta só circunstancialmente. Esse universo é marcado pelo entrelaçamento de livres expressões e opiniões, compostos por amadores ou observadores curiosos, que se utiliza de jargões populares ou frases acabadas de domínio público. O processo constante de interação cria núcleos estáveis e hábitos comuns de fazer coisas, existe também certa solidariedade e cumplicidade para lidar com coisas comuns e acessíveis a todos (MOSCOVICI, 1978, 2004). “O pensar é feito em voz alta. Ele se torna uma atividade ruidosa, pública, que satisfaz a necessidade de comunicação e com isso mantém e consolida o grupo, enquanto comunica a característica que cada membro exige dele” (MOSCOVICI, 2004, p. 51).

Sobre o universo reificado, é necessário primeiro comentar o que vem a ser reificação. Para Berger e Luckmann (1996, p. 122) trata-se de “uma apreensão dos fenômenos como se fossem coisas, isto é, em termos não humanos e possivelmente super-humanos”. Os autores explicam que a reificação torna possível que o ser humano esqueça sua própria autoria do mundo social, o homem perde a consciência enquanto produtor de relações e coisas. “O mundo reificado é por definição um mundo desumano. [...] Os significados humanos não são mais entendidos como produzindo o mundo, mas como sendo, por sua vez, produtos da ‘natureza das coisas’” (BERGER; LUCKMANN, 1996, p. 123). Diferente do consensual, o universo reificado é composto por pessoas que ocupam papéis diferentes em classes distintas. O critério para ser membro desse corpo social é científico ou técnico, e está baseado no instituto da competência que credencia ou não, a participação em determinada área de conhecimento. Não se está autorizado a fazer afirmações ou dizer coisas que estão fora do âmbito de domínio e compreensão, as pessoas têm papéis e prerrogativas diferentes umas das outras (MOSCOVICI, 1978, 2004).

Nessa aproximação dos mundos reificado e consensual, na dinâmica proposta pela teoria, acontecem o processo da ancoragem e da objetivação. Esses são dois conceitos importantes, uma vez que explicam como se dá o fenômeno da representação, a maneira pela qual é gerada. Ancorar é trazer o objeto estranho, inusitado e incomum, para perto, de maneira que aconteça, no processo mental socialmente compartilhado, a redução das distâncias, a restrição a categorias e imagens não estranhas, comuns ao universo interior. Por sua vez, objetivar é, justamente, retirar o objeto do mundo abstrato e transformá-lo em figura quase concreta, mudar o que está em um plano apenas mental para um plano onde adquira uma forma de existir no mundo físico. Assim, na dinâmica da representação social, do mesmo modo que um objeto torna-se próximo e assimilado por meio da ancoragem, torna-se também familiar por ganhar contornos materiais concretos, reunidos em uma figura, através da objetivação (JODELET, 2001; MOSCOVICI, 1978, 2004).

3 O PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo caracteriza-se como qualitativo. Bauer e Gaskell (2004), explicam que a pesquisa qualitativa trabalha com interpretações das realidades sociais. Para Minayo (1998, p. 33) na tônica própria do tempo atual, se fortalece a “introspecção do homem, a observação de si mesmo e se ressaltam questões antes passadas despercebidas”. Esta pesquisa caracteriza-se ainda como estudo descritivo. Selltiz et al. (1987) chamam de estudos descritivos a descrição de características de comunidades e de pessoas de uma comunidade.

Sobre a constituição dos sujeitos da pesquisa, Minayo (1998, p. 102), ressalta que a preocupação primeira na abordagem qualitativa não é generalizar, mas aprofundar na “compreensão de um grupo social” ou, por exemplo, de “uma representação”. Assim, a amostra ou seleção adequada “privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer” e possibilita desvendar a “totalidade de suas dimensões” (MINAYO, 1998, p. 102).

Os sujeitos da pesquisa são profissionais envolvidos diretamente no Projeto Redes: quatro pesquisadores do IAPAR, seis extensionistas da EMATER e seis agricultores familiares. O critério determinante para seleção dos entrevistados foi a existência de uma participação suficiente que possibilitasse conhecimento e vivência cotidiana com o trabalho desenvolvido no Projeto Redes. Os entrevistados foram citados durante a exposição e análise dos dados através da seguinte convenção: Agricultor 1 (A1), Agricultor 2

(A2), Agricultor 3 (A3), Agricultor 4 (A4), Agricultor 5 (A5) e Agricultor 6 (A6); Extensionista 1 (E1), Extensionista 2 (E2), Extensionista 3 (E3), Extensionista 4 (E4), Extensionista 5 (E5), Extensionista (E6); e Pesquisador 1 (P1), Pesquisador 2 (P2), Pesquisador 3 (P3), e Pesquisador 4 (P4). Metade de cada grupo de entrevistados atua no Projeto desde o seu início. Foram selecionados entrevistados entre as seis regiões geográficas do estado do Paraná onde o Projeto está presente. A quantidade de entrevistados se mostrou suficiente dada a presença saliente de conteúdos discursivos repetidos e coerentes entre si.

O principal instrumento para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. A entrevista qualitativa possibilita “a compreensão das relações entre atores sociais e sua situação” e o entendimento profundo “das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação a pessoas e contextos sociais específicos” (GASKELL, 2004, p. 65). Spink (1998) comenta que, na pesquisa que envolve representações sociais, a coleta de dados exige longas entrevistas semiestruturadas acopladas a levantamentos paralelos sobre o contexto social e sobre os conteúdos históricos que informam os indivíduos enquanto sujeitos sociais. Assim, além das entrevistas (dados primários), foram utilizados dados secundários, como as publicações internas de revistas, relatórios de viagens e manuais, principalmente para aprofundar o conhecimento acerca do objeto [Projeto Redes] e descrevê-lo.

Sobre a forma de análise empregada na interpretação dos dados, foram observados aspectos que são inerentes ao estudo das representações sociais. Sobre isso, Spink (1998, p. 120) aponta a importância de considerar o processo de elaboração das representações sociais por parte do sujeito social. Isso quer dizer que não é o indivíduo isoladamente que se toma em consideração, mas suas posições individuais enquanto reflexo ou inclinação do grupo no qual está inscrito. Nesse sentido, “as representações, são estruturas estruturadas ou campos socialmente estruturados”. Por outro lado, “as representações são também uma expressão da realidade intraindividual; uma exteriorização do afeto”, ou seja, são também “estruturas estruturantes que revelam o poder de criação e de transformação da realidade social”. Para a autora as representações devem ser estudadas partindo do pressuposto de sua funcionalidade como orientadora das ações e da comunicação. O indivíduo é concebido como “símbolo vivo do grupo que representa” e pode ser tratado como sujeito genérico, desde que o “contexto social por ele habitado” seja entendido de modo satisfatório: “seu *habitus* é a teia mais ampla de significados no qual o objeto de representação está localizado” (SPINK 1998, p. 124).

Spink (1998) esclarece que as técnicas de análise utilizadas no estudo das representações buscam, de algum modo, desvendar a associação livre de idéias subjacentes ao senso comum. A autora explica que a análise é centrada na totalidade do discurso, é demorada, e por consequência, acaba envolvendo um número menor de sujeitos. É preciso esclarecer que, quando Spink (1998) utiliza a expressão “análise de discurso” não parece estar se referindo, *a priori*, a nenhuma forma específica dessa análise.

O trabalho de análise, portanto, foi realizado da seguinte forma: primeiramente, foram transcritas todas as entrevistas, revisadas e devolvidas para cada entrevistado, algumas via *e-mail*, outras por carta-postal. Esse procedimento visou garantir a validade interna, ou seja, que os sujeitos se reconhecessem em seu próprio discurso.

Após, as entrevistas foram ouvidas e lidas, simultaneamente, por mais duas vezes. Então foram postos em negrito os fragmentos de textos que se referiam às tentativas discursivas de explicar ou emitir opiniões sobre o objeto estudado e também, sublinhados outros fragmentos de comentários e menções que se mostravam importantes para análise. Os textos foram relidos separadamente e novamente confrontados com a transcrição completa da entrevista, o que permitiu o surgimento de novas interpretações e imagens antes não percebidas. Aliás, todas as vezes que surgiam dúvidas sobre o que os entrevistados haviam dito, ou tentaram dizer, retornou-se à gravação de voz junto com o texto transcrito. Ao ouvir-se, outras vezes as entrevistas, as expressões faciais, as entonações de voz e até gesticulações vieram à mente do investigador. A junção dessas imagens com a leitura fria e ponderada da entrevista contribuiu muito no exercício de interpretação. Com tal insistência, considerando aspectos estruturais e estruturantes em cada discurso, emergiram as representações sociais.

Para cada entrevistado foi escrito um texto em separado que refletia o conjunto das representações encontradas e também relacionadas palavras-chave e frases que se destacaram no discurso. Logo após, tomou-se o que foi extraído de cada sujeito e comparou-se com os outros membros do grupo, de maneira que fossem observadas e classificadas as maiores incidências. Após esse processo, considerando os aspectos discursivos semelhantes e a intensidade dos mesmos nas entrevistas, foram designados nomes, através de frases ou palavras-chave, para cada representação social encontrada no grupo. Desse modo, construiu-se também um texto comum de análise para cada grupo, apontando as citações mais importantes da entrevista.

4 O PROJETO REDES DE REFERÊNCIA PARA A AGRICULTURA FAMILIAR

No início da década de 1980, a então Comunidade Européia lançou novas políticas para a agricultura, como abertura aos produtos importados, cotas (cada país deveria produzir quantia predeterminada para manter o mercado), entre outras. Dessa forma, as antigas técnicas de produção tinham que ser reformuladas, mas ainda não se sabia como. Havia necessidade de referenciais de sistemas de produção para guiar os agricultores e pesquisadores nesse novo contexto, e que considerasse as necessidades e especificidades regionais. Nisso, um grupo de jovens agricultores franceses, com o auxílio de institutos de pesquisa começou a testar modelos de produção, e logo outros, em busca de inovações e melhorias, passaram a visitá-los para aprender sobre sua produção, que passou a ter indicadores técnicos, econômicos e sociais (PASSINI et al., 2004).

Com essa experiência, corroborou-se a idéia de que uma prática é mais bem adotada pelos agricultores, se for compatível com seu próprio sistema de produção, ou seja, uma tecnologia selecionada com a ajuda dos agricultores se adaptará melhor localmente do que uma recomendada pelos técnicos, sem adaptações. Além disso, os agricultores sentiam-se mais amparados quando outro explicava o sistema de produção; percebeu-se que os agricultores confiavam mais uns nos outros do que nos técnicos. E que esse método era assim mais propenso para testes e difusão de tecnologia (PASSINI et al., 2004).

Assim, o projeto paranaense Redes de Referência é resultado de um intercâmbio entre instituições agrônomicas brasileiras e francesas, iniciado no final da década de oitenta, com a intenção, por parte dos brasileiros, de obter avanços em metodologias de trabalho baseadas na visão sistêmica⁶. O IAPAR, que já avançara no estudo de sistemas produtivos na agricultura desde a década de setenta, teve relevante papel nessa aproximação entre Brasil e França, principalmente, na tentativa de aprimoramento da metodologia das redes através do *Institut de l'Élevage*, o qual já desenvolvia um trabalho chamado "redes de referência", desde 1981 (LLANILLO, 1988; MIRANDA et al., 2001).

⁶"Enfoque sistêmico", segundo Miranda et al. (2001, p. 8), traduz a realidade em que "o agricultor e sua família combinam os fatores que possuem (terra, máquinas, equipamentos, mão-de-obra) para compor o melhor arranjo entre as culturas e criações exploradas na propriedade, levando em conta os objetivos que pretendem atingir".

As tecnologias utilizadas na agricultura brasileira sempre vieram de países considerados mais desenvolvidos, mas sem considerar as especificidades locais. O Projeto Redes de Referência para Agricultura Familiar vem no sentido de melhorar esta deficiência, por meio de um programa de metodologia adaptativa (validação) e difusão de tecnologia apoiada em uma rede de propriedades, analisadas e acompanhadas com enfoque sistêmico que, após intervenções técnicas – ajustes e análises – servem como modelo de referência para outras propriedades como elas. O Projeto propõe uma reformulação de metodologia de pesquisa e desenvolvimento, no qual a nova tecnologia é testada no campo até se tornar passível de ser referência, de dar parâmetros – técnicos e econômicos – a outras propriedades semelhantes (SALDANHA, 2005).

O Projeto Redes de Referência para a Agricultura Familiar foi lançado pela Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do estado do Paraná, dentro do programa "Paraná 12 Meses", no subcomponente "Manejo e Conservação dos Recursos Naturais (2ª Fase) – Modernização Agropecuária", entre os anos de 1998 e 2002. Apesar do término do "Paraná 12 Meses", o Projeto Redes continuou em atividade, mesmo sem os recursos financeiros antes garantidos pelo programa. Os executores são o IAPAR e a EMATER.

Souza et al. (2000, p. 7) entendem que esse modo de trabalhar do Projeto Redes, "além de promover a adaptação de tecnologias para o desenvolvimento da agricultura, busca resolver o principal problema dos projetos de desenvolvimento, que é a interação entre os agentes (pesquisadores, extensionistas rurais e agricultores)". São objetivos do Projeto: ofertar novas tecnologias; demonstrar tecnologias e sistemas de produção, para a difusão; disponibilizar métodos de gestão da propriedade para agricultores; possibilitar capacitação e treinamento de técnicos e agricultores; identificar demandas para novas linhas de pesquisa (SOUZA et al., 2000). As redes são, oficialmente nos documentos pesquisados, grupos de unidades produtivas rurais que representam um sistema de produção familiar específico em uma determinada região. As propriedades passam a ser pesquisadas de maneira que sejam identificadas distorções impeditivas de um maior desenvolvimento na qualidade e produtividade do sistema.

É importante destacar a existência de distinções quanto à taxonomia, diferenças entre a utilização da nomenclatura "redes" para referir-se ao Projeto Redes de Referência e sua aplicação no âmbito dos estudos organizacionais. O que os técnicos e pesquisadores do

IAPAR e da EMATER chamam de redes refere-se a um grupo ou conjunto de elementos que servem de parâmetro ou referência para outrem, e não, exatamente, diz respeito às relações interorganizacionais, à cooperação entre organizações e indivíduos ou execução de tarefas comuns com objetivos convergentes. Assim, apesar da existência de diferenças no uso da nomenclatura por parte dos criadores e executores do Projeto Redes de Referência, em relação à concepção das redes e sua utilização na administração, o desenvolvimento e execução do Projeto em si, é, à luz dos estudos organizacionais, uma proposta de trabalho em rede, que envolve diretamente três instituições: pesquisadores do IAPAR, extensionistas da EMATER e produtores rurais da Agricultura Familiar.

A estrutura organizacional do Projeto compreende: na esfera estadual, “um articulador do IAPAR e um da EMATER” que tem missão de gerir a interface entre as instituições e trabalhar para o adequado funcionamento das redes; na esfera mesorregional, centros de pesquisa e desenvolvimento (difusão), formados por equipes interdisciplinares de especialistas que têm como função “animar, apoiar e coordenar” os trabalhos nos sistemas de referências; e na esfera regional, a base na qual tudo acontece efetivamente, deve existir dez redes de propriedades instaladas em cada uma das regiões administrativas da EMATER, integrantes das mesorregiões. Cada extensionista é responsável por acompanhar tecnicamente um conjunto de vinte propriedades de referência, com quatro ou cinco sistemas diferentes (MANUAL..., 1999; MIRANDA et al., 2001).

Existem ainda os comitês técnicos que são organismos deliberativos que têm, entre outros, os propósitos de fazer reflexões acerca dos sistemas de produção agrícolas prioritários. São formados por “organismos representativos” dos produtores rurais e por integrantes da comissão regional do Paraná 12 Meses e “outros agentes de desenvolvimento” (IAPAR, EMATER, prefeituras, universidade, ONGs e outros) (MIRANDA et al., 2001, p. 9).

Miranda et al. (2001) e Souza et al. (2000) explicam que a estratégia de implantação de uma rede implica em três etapas que são complementares: *estudo prévio* – trata-se da definição da “caracterização regional e da tipologia dos agricultores” de modo a fornecer subsídios à fase seguinte; *seleção dos sistemas prioritários* – fase derivada da anterior que fica sob a responsabilidade do comitê de coordenação regional, reúnem-se critérios como viabilidade, inovação e frequência com que o mesmo aparece; e *escolha das propriedades* – selecionam-se as

propriedades representantes dos sistemas, em número aproximado de cinco por sistema (MIRANDA et al., 2001, p. 12; SOUZA et al., 2000, p. 7).

Dessa forma, os agricultores devem ser enquadrados na categoria social característica do sistema de produção escolhido; ter disposição, motivação e interesse pelo Projeto; credibilidade junto aos demais agricultores do município ou região e ter condição de exploração estável da propriedade; não necessariamente deve ser o proprietário da terra (pode ser posse, ocupação, arrendamento), mas dar garantias que nela permanecerá por, pelo menos, cinco anos – período aproximado de duração do Projeto. Além disso, deve ter relacionamento harmonioso junto à comunidade e seus pares, receptividade a orientações e informações de técnicos e capacidade de execução e organização para fazer os registros necessários (REDES, 2007).

A propriedade também deve ter certas características para poder se tornar referência: deve se enquadrar no sistema de produção escolhido, que inclui tanto atividades como infraestrutura (capital, recursos naturais etc.), ser de relativo fácil acesso e sem grandes problemas relacionados à preservação ambiental, para seguir preceitos do desenvolvimento sustentável em vigor no Ocidente, ou seja, tentar desenvolver o social, o econômico e o ambiental de forma equilibrada (REDES, 2007).

Durante esse processo, é feito o diagnóstico das propriedades, no qual deve haver participação ativa e continuada dos técnicos e agricultores, visando a formulação de um plano de melhorias. Primeiramente, de curto prazo, que visa principalmente a redução de perdas e a correção de possíveis incoerências entre os objetivos dos agricultores e suas famílias e o sistema de produção conduzido no estabelecimento. No processo de implantação do plano, dados e informações são registrados de forma a permitir a confirmação dos resultados em relação ao estado inicial, o que permite a ratificação e/ou retificação do diagnóstico inicial para se montar um plano em longo prazo, tendo em vista os resultados e objetivos das famílias (MIRANDA et al., 2001). Nesse período, registros técnicos e econômicos são efetuados para legitimar as propostas, e esses dados constituirão as referências técnicas e econômicas para orientar agricultores com características semelhantes e por eles representados nas Redes, além de gerar subsídios para ajudar em políticas públicas, pesquisa e extensão, como pode ser observado na Figura 1 a seguir:

O trabalho conta com aproximadamente duzentos e setenta agentes. Esse número pode variar um pouco, em

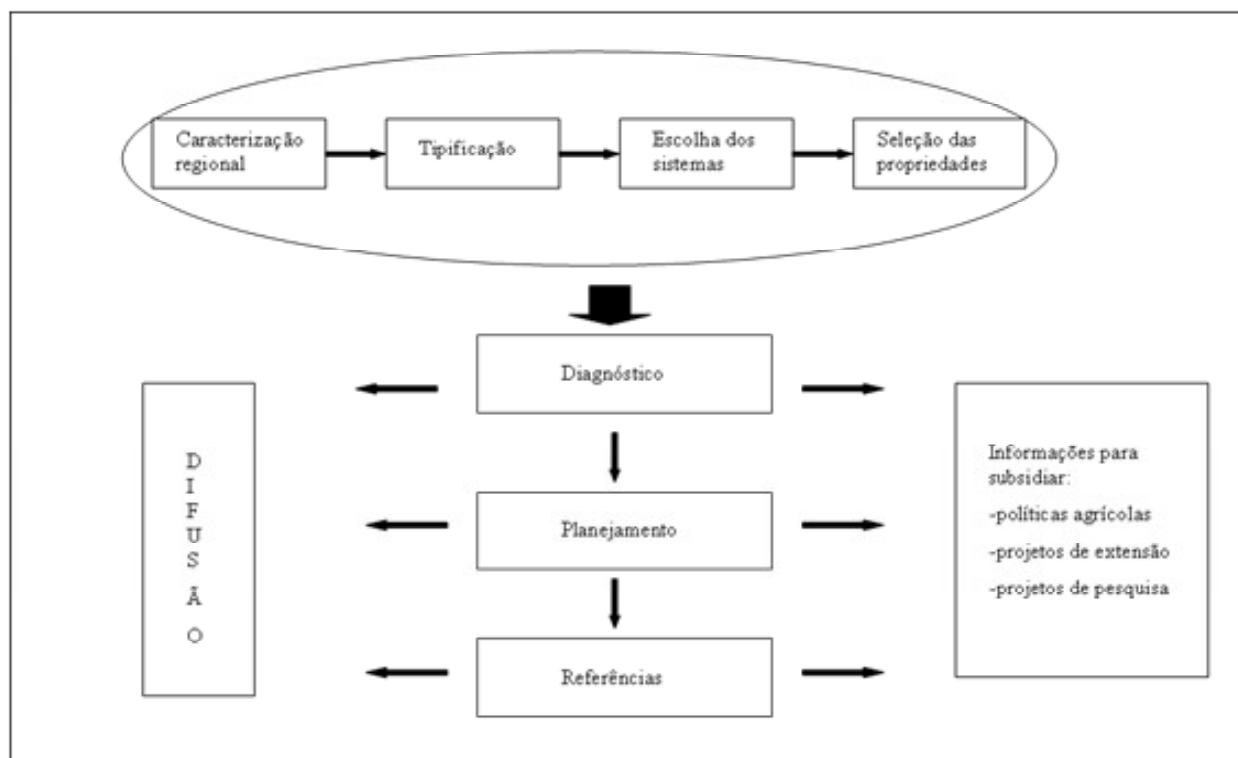


FIGURA 1 – Etapas do trabalho das redes de referência.

Fonte: Miranda et al. (2001).

função de substituição de propriedades que se faz necessária eventualmente, em decorrência de algumas inadequações demonstradas com o tempo.

O Projeto gera também eventos de difusão de tecnologia, além dos “dias de campo”, estratégia de difusão também chamada de “porteira aberta”, na qual, em dias predefinidos, o agricultor e sua família abrem as portas de sua propriedade para a visita de outros agricultores e técnicos, e lhes apresentam, apoiados pelo técnico do Projeto, as práticas de seu sistema de produção e seus resultados técnicos e econômicos.

O Projeto, que já tem mais de vinte anos na França, e os bons resultados alcançados no Paraná, permitiu assegurar sua aplicabilidade para outros estados brasileiros, como vem ocorrendo no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

5 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ATORES

Segue a apresentação dos resultados da pesquisa, ou sejam, as representações sociais do Projeto Redes que emergiram dos entrevistados, separadas por grupos de atores. Em função da impossibilidade de reunir num único

artigo dissertações mais extensas a respeito dos resultados e análise da pesquisa, apresentam-se aqui apenas alguns comentários-chave a respeito das representações, para depois fazer uma interpretação geral da investigação realizada.

Um primeiro aspecto sobre as representações sociais do Projeto Redes de Referência para a Agricultura Familiar, no âmbito do grupo de produtores rurais, diz respeito à informação, ao fluxo de informação que o projeto proporciona, ou ainda, ao conjunto de assuntos trabalhados tecnicamente relacionados à atividade agrícola. Ainda que com algumas variações, essa figura esteve presente nas seis entrevistas realizadas com agricultores. A maioria faz referência ao conjunto de atividades desenvolvidas: os dias de campo, as viagens técnicas, as reuniões, as visitas técnicas e as ações que proporcionam informação sobre culturas específicas e diversificação. Isso tudo, no entendimento do grupo, propicia uma visão ampliada da agricultura, resultando na figura “**Acesso à informação de qualidade**”.

O entrevistado A1 afirma que sempre são dadas boas idéias, principalmente no campo da diversificação de

culturas e ressalta que o Projeto fornece uma visão geral da situação da agricultura. Para o produtor, é algo que o mantém informado sobre coisas relevantes na atividade agrônômica, e também fornece um espectro geral sobre o setor. O contato com assuntos importantes do mundo rural através das viagens e dos dias de campo nas propriedades chama sua atenção, por isso, entre outras características do projeto, A1 destaca o acesso às informações. Sobre isso A1 disse:

É bom que dá uma visão de todas as coisas, sempre dá. [...] Às vezes tem um sujeito falando, lá: um está criando boi, tem um relatório da propriedade, o outro está criando porco e tem o relatório, tantos porcos, tantas galinhas e etc. [...] Cada um tem uma receita da renda que ele teve, dá pra gente ter uma noção, então, como agricultor eu sei, eu tenho uma noção. Se eu contratar alguém pra fazer qualquer coisa, eu tenho uma noção. A gente tem um ponto de referência, o cara não vai mentir pra gente, a gente tem noção do que ele está fazendo, se tem vantagem ou não, então dá uma qualidade na cabeça, ali aparecem todas as propriedades (A1).

Como visto, de acordo com a Teoria das Representações Sociais, é comum para o sujeito uma identificação imediata do objeto com imagens e figuras familiares do seu cotidiano. Assim, como o mundo das variáveis estatísticas parece, aos produtores rurais, estranho e complexo, acontece a aproximação (ancoragem) e a materialização (objetivação) do objeto [Projeto Redes] de uma forma que lhes pareça mais familiar. As palavras “lucro” e “prejuízo” são comuns no vocabulário de agricultores, existe um discurso histórico, aparentemente caracterizado pela instabilidade e incertezas ambientais. Isso está relacionado às perdas e aos ganhos, à boa e à má safra, ao lucro e ao prejuízo. É evidente, portanto, a existência do universo consensual no qual se localiza uma representação social que emergiu de seus depoimentos: “**anotações para avaliar lucro ou prejuízo**”. A5 diz:

Este Projeto, o que tem feito? A gente anota e depois o técnico passa pra gente o que tivemos de lucro, porque depois de anotar eu passo também as folhas pra ele, e ele faz os cálculos lá pra gente e também mais os gastos de impostos, essas coisas (A5).

De modo semelhante ao ocorrido com os produtores rurais entrevistados, no grupo de extensionistas, nota-se que o conjunto amplo e complexo que envolve a substância do Projeto é aproximado para algo mais simples e que

representa uma parte daquilo que o Projeto pretende ser. Nesse sentido, verifica-se uma simplificação dos propósitos do objeto da representação na figura “**gestão financeira da propriedade agrícola**”, principalmente no que concerne à contabilidade e finanças. E1 comenta:

Segundo Moscovici (2004), é do mundo onde se está inserido que enxergamos a realidade à volta e a decodificamos. São os elementos de nosso próprio mundo que atuam na interpretação do inusitado. Nesse sentido, não causa surpresa que para os extensionistas, uma representação social comum sobre o Projeto Redes é “**uma nova ferramenta para a extensão rural**”. Isso pode ser visto no seguinte discurso de E2:

Na questão conceitual, eu diria que o Projeto Redes hoje é um dos grandes instrumentos ou ferramentas de extensão rural que nós temos [...]. Então, eu vejo que o trabalho [...] se caracteriza principalmente pelo técnico poder aprofundar-se um pouco mais no diagnóstico das propriedades e na questão de planejamento. Eu acho que isso faz com que o trabalho do técnico passe a ter mais qualidade (E2).

No grupo de pesquisadores existe uma atitude discursiva afinada com a idéia de parceria, principalmente entre pesquisadores e extensionistas. Esse discurso parece estar respaldado no que chamam de estudos agrônômicos baseados na “abordagem sistêmica”, desenvolvidos pelo IAPAR desde a década de oitenta. De algum modo, o fenômeno redes vem, ao longo da existência do instituto, fazendo parte do cotidiano de seus profissionais. Mais do que uma construção discursiva teórica consolidada sobre o trabalho em rede, existe um consenso grupal e familiarizado de que se trata de um trabalho em grupo que, aliás, no modo de ver dos pesquisadores, é bem sucedida. Nessa perspectiva, emerge a representação social “**soma de profissionais de áreas distintas**”. O relato que segue atesta:

[...] é um trabalho que vai envolver profissionais de diferentes áreas de formação, diferentes especialidades e, sobretudo, instituições de diferentes naturezas (P2).

Existe um consenso no grupo dos pesquisadores: é preciso construir canais de comunicação para que a tecnologia gerada pela pesquisa esteja acessível e ao alcance do público interessado. Ouvindo os profissionais da pesquisa, é nítida a impressão de que a necessidade de comunicação é uma angústia comum, ou seja, uma ansiedade coletiva do grupo de que a pesquisa se torne tecnologia adotada e que produza os efeitos esperados na

agricultura. Percebe-se, portanto, que a simplificação do objeto, a partir da idéia “comunicar a pesquisa”, faz parte do universo consensual do grupo de pesquisadores. O objeto da representação é ancorado através do elemento “necessidade de difusão da tecnologia gerada pela pesquisa” e objetivado, através da figura: “**instrumento de comunicação**”. P1 afirma:

Eu acho que a maior vantagem do Projeto, em minha opinião, é você estar levando a tecnologia para o produtor, porque muitas vezes a pesquisa por si só fica engavetada e não chega ao produtor. Nas redes não, você desenvolve e passa. Quando você está fazendo na propriedade dele e ele está vendo resultado [...]. Eu acho que o que tem que ser enriquecido um pouco mais é justamente levar esta tecnologia para outros produtores, explorar o máximo (P1).

A Figura 2 traz todas as representações sociais dos três atores envolvidos diretamente com o objeto. Na mesma, as representações sociais de cada grupo de atores são apresentadas em uma sequência que indica ordem de intensidade. A representação social “acesso à informação de qualidade”, por exemplo, a primeira a ser apresentada, é a mais intensa no grupo dos produtores rurais.

A Figura 2 apresenta o campo representacional de cada grupo de atores. Para o grupo de produtores rurais da agricultura familiar, o objeto da pesquisa representa um projeto governamental executado pela EMATER, que proporciona o acesso a uma série de informações de qualidade sobre diversificação de culturas e outras realidades da agricultura. Também possibilita, através das anotações que fazem sobre todas as atividades relacionadas ao processo produtivo, tomarem conhecimento dos resultados financeiros de sua propriedade. Na visão dos produtores, tais registros servem também como parâmetro para outros produtores e para atender a interesses do governo. Em algumas situações, o Projeto não se mostra compatível com o que se está vivendo no campo, parece distante de sua realidade. Por outro lado, trata-se de um espaço de relações amigáveis. A visão predominante entre os produtores é a de que são receptores do Projeto.

Por sua vez, para o grupo de extensionistas, representa uma nova forma de trabalhar a extensão rural, um trabalho de difusão com a união de vários segmentos trabalhando juntos. São redes de propriedades semelhantes, que têm seus sistemas produtivos estudados e acompanhados, de maneira que possam se tornar



FIGURA 2 – As representações sociais do Projeto Redes de Referência para a Agricultura Familiar.
Fonte: pesquisa realizada.

referências para outros sistemas similares e proporcionar mais qualidade de vida no campo, especificamente para a Agricultura Familiar. É um Projeto que, sobretudo, faz a gestão financeira da propriedade rural. Para alguns extensionistas, ele acontece com a atuação direta das famílias e também a partir das relações amigáveis com as mesmas. O produtor rural, na visão da maioria dos extensionistas, é destinatário e beneficiário do Projeto.

Para o grupo dos pesquisadores, o Projeto representa um trabalho de abordagem sistêmica que acontece por meio da soma de profissionais de áreas distintas. Esses profissionais atuam nos conjuntos de unidades produtivas rurais representativas de determinados sistemas produtivos. O Projeto é ainda um instrumento de articulação institucional que mobiliza pesquisa e extensão rural em trabalhos conjuntos. Além disso, é também um instrumento de comunicação para levar tecnologia aos agricultores familiares visando desenvolvimento econômico e uma forma de validar o que se está pesquisando. Para a maioria do grupo de pesquisadores, o produtor rural é, também, beneficiário e receptor dos resultados do Projeto.

Nesse campo representacional do Projeto Redes de Referência, encontram-se semelhanças e diferenças entre as representações sociais e, nessas, foram identificadas aproximações e discrepâncias. No que se refere à visão do trabalho desenvolvido pelo Projeto Redes de Referência, ou seja, daquilo que o Projeto pretende, enquanto proposta de atuação na Agricultura Familiar, que é a geração de sistemas produtivos melhorados, percebe-se maior nível de aproximações do objeto. Por outro lado, no que diz respeito à visão do método do trabalho, da forma como ele está organizado e é executado, existe maior nível de discrepâncias em relação ao objeto da representação.

Ficou evidenciado pelas representações que o Projeto Redes ofereceu contribuições significativas nas relações institucionais entre IAPAR e EMATER e também nas relações orgânicas, que colocam pesquisadores e extensionistas lado a lado no trabalho. Como se sabe, a EMATER faz extensão rural há mais de cinquenta anos e o IAPAR faz pesquisa agrônoma há quase quarenta anos no estado do Paraná, são duas organizações com espaços institucionais marcantes e bem definidos. O destaque dado ao Projeto Redes como catalisador dessas relações entre os institutos é relevante. Percebe-se, portanto, que o Projeto funcionou enquanto proposta de organização em rede.

Durante a pesquisa, chamou a atenção o fato da maioria dos agricultores desconhecem quem são os atores

parceiros no Projeto. Com exceção de um dos produtores rurais, os outros entrevistados do grupo não demonstraram conhecimento a respeito da parceria realizada para a execução das Redes. A maioria sabe da existência do IAPAR e alguns já estiveram participando de eventos em sua sede, mas ignoram o fato da atuação do Instituto no projeto. Aliás, não se verificou, em boa parte dos agricultores, uma clareza sobre as diferenças entre pesquisa e extensão rural, pois as duas imagens parecem se fundir no seu modo de ver. O que causou mais surpresa, entretanto, na coleta e análise de dados, é que eles próprios não se veem como membros ativos do Projeto. Os produtores rurais veem o objeto da representação a partir do contexto cotidiano de quem recebe um acompanhamento, e não de quem trabalha em um projeto conjunto com a EMATER e com o IAPAR.

As representações sociais “**uma nova forma de extensão rural**” e também “**validação da pesquisa**” ajudam a explicar esse fato, do ponto de vista dos extensionistas e dos pesquisadores. Nelas, são perceptíveis relações de unilateralidade – assim como ocorreu com os produtores rurais - em que o objeto da representação se reveste daquilo que corresponde ao mundo de uma das partes. Isso evidencia um movimento que parece natural e que a própria Teoria das Representações Sociais explica: o olhar do sujeito é voltado não para o todo, mas para uma parte que parece mais comum e compreensível. É a partir do familiar que o sujeito ancora e dá significado a um objeto.

Assim, pesquisadores ancoram o Projeto no seu cotidiano da pesquisa; da mesma forma, extensionistas o fazem a partir do seu dia a dia na extensão rural; e o mesmo acontece com os agricultores, que no trabalho diário recebem muito mais assistência de extensionistas do que de pesquisadores (e mesmo que recebam visitas de técnicos do IAPAR, eles os identificam como sendo da EMATER). Além disso, os agricultores também se acostumaram a se ver como seres mais “passivos”, de modo que não conseguem se enxergar como atores ativamente participando de um projeto. O depoimento a seguir ilustra esse ponto:

[...] sei lá, eu nunca perguntei certo pra ele [o extensionista que faz o acompanhamento] até onde vai isso daí [...]. Sei lá... Eu, no começo, achava que era mais para o governo do Estado que lançou isso aí, que era pra saber se estava havendo lucro, se estava havendo prejuízo, uma coisa ou outra, mas eu acredito que deve ter alguma ligação por trás disso aí, em termos governamentais. Agora, [...] não sei da onde vêm estas Redes [...]. Eu teria que saber, é que eu também nunca perguntei [...] (A6).

Outra questão importante que emergiu dos dados refere-se aos afetos, a laços de amizade que o Projeto proporcionou, e que acabam tendo muita importância na representação social do Projeto Redes:

[...] olha, isso aqui é um negócio que dá para o meu perfil, ou seja, primeiro era um trabalho novo, segundo era um trabalho que na França tinha dado certo, através daquela instituição cristã, terceiro, tinha uma parceria muito forte com o IAPAR, quarto tinha uma assessoria de quem já tinha feito, da própria França que já tinha testado, tinha resultados e que ator principal passava a ser a família de agricultores, quero dizer, não tinha que o técnico ser o dono do trabalho. Então esses quatro itens me levaram a desejar que eu fosse uma das pessoas que fizesse parte [...] (E5).

Eu acho que é muito válido e eles também sempre estão trazendo alguma novidade pra gente com a amizade deles, que não seria por causa do Projeto Redes, mais pela amizade deles (A6).

[...] Antes do Projeto Redes, eu acho que não tinha uma ligação tão forte, acho que isso uniu mais, pelos menos eu vejo na minha área que a gente se aproximou muito mais da EMATER, porque, por exemplo, quando têm os eventos eles sempre têm me chamado. Por quê? Eu estou direto lá com o pessoal, a gente tem as propriedades [...] que estão indo muito bem, então eu acho que isso tem mostrado o bom trabalho que a gente tem feito junto, tanto o IAPAR como a EMATER [...] (P4).

As palavras acima se referem ao “desejo de fazer parte”, à “amizade” e mostram o entusiasmo dos atores. Isso revela que as representações sociais, mais do que a cognição, envolvem também os afetos (e esses, necessariamente não são apenas positivos, como ocorreu nesta investigação), e isso leva à ação. A parte técnica do Projeto ajuda a ancorar o objeto no mundo cotidiano dos atores, mas não é apenas nesse nível cognitivo que o significado consegue se materializar: os depoimentos mostram a importância dos afetos, que envolvem o desejo e a paixão de se saber algo e de compartilhar algo. A ação é impulsionada pela junção de cognição e afetos, e é isso que acaba por reproduzir e levar adiante as representações do Projeto Redes de Referência para a Agricultura Familiar.

6 CONCLUSÕES

Um primeiro aspecto a ser destacado se refere ao impacto que o Projeto causou no cotidiano profissional da

maioria dos técnicos envolvidos com o trabalho. A maior parte deles refere-se ao mesmo com admiração e entusiasmo. É verdade que existem visões diferentes sobre o objeto da representação, mas quase todas estão carregadas da mesma ideia: trata-se do jeito certo de trabalhar pesquisa e extensão no campo.

O que também parece contribuir para essa realidade é a tentativa desses profissionais de exercerem, no desempenho de suas tarefas, o que enfatizam ser uma visão sistêmica. Todavia, embora o IAPAR já realizasse estudos agrônômicos na perspectiva sistêmica desde a década de oitenta, é o Projeto Redes que encarnou a maneira diferenciada com que pretendiam encarar as propriedades e os próprios agricultores. O Projeto, na visão da maioria dos entrevistados, seria uma consequência dessa forma sistêmica de enxergar as coisas.

A pesquisa revelou que as representações sociais são formadas não só pela vivência em grupo e alimentadas pelas comunicações entre os seres humanos, mas carregam, em si, implicações afetivas, interiorização de experiências, práticas e modelos de condutas. Por seu turno, elas acabam moldando comportamentos e ações, ajudando a formar ou reforçar representações já existentes. Os depoimentos coletados para a presente pesquisa apresentam parte desse processo.

Isso é bem visível quando levamos em consideração as questões afetivas e o seu papel na construção e na reprodução das representações sociais do Projeto Redes. Ao que se revelou na investigação, não parece que seja apenas a configuração estrutural do Projeto que esteja garantindo a continuidade das suas atividades, mas esse processo parece se mostrar também muito ligado a pessoas, tanto técnicos quanto agricultores. Desse modo, além de ancorarem o Projeto nas questões técnicas, os atores também colocam sentimentos nas suas representações, e é isso o que faz com que ações sejam conduzidas.

Da pesquisa empreendida, algumas lacunas ainda não foram completamente compreendidas, e necessitam de maiores investigações. Primeiro: o fato dos agricultores não se verem como atores ativos no processo. Isso não quer dizer que o Projeto não tenha tido êxito, muito pelo contrário, tanto é que hoje é difundido para outros estados da federação. Mas esse fato sugere que o modelo de produção do conhecimento adotado não foi completamente internalizado.

Segundo: o modelo de produção do conhecimento adotado não foi completamente internalizado também por pesquisadores e extensionistas. Na interpretação dos dados, saltou mais aos olhos a visão dos agricultores, que

se compreendem como agentes passivos no processo, mas tanto pesquisadores, como extensionistas, continuam ancorando o seu papel no Projeto apenas a partir da própria realidade e do que lhe pareceu familiar.

Isso tem alguma implicação teórica, uma vez que a Teoria das Representações Sociais explica exatamente o fato de cada grupo se voltar para o seu entorno para materializar a sua representação? Se levarmos em conta que esse resultado aponta um caminho de mão única, ou seja, apenas reforça representações já existentes, a implicação disso é que se uma representação social tem, além da função de interpretar, a de reconstituir objetos, não se viu, na pesquisa empreendida, um movimento recursivo de construção social da realidade, a partir da criação de novas representações. A comunicação parece ocorrer dentro de cada grupo, mas não entre os grupos de atores.

Representações sociais são formas de conhecimento prático que orientam as ações cotidianas. No caso em estudo, as representações que se revelaram indicam cognições, afetos e ações de cada grupo, mas não um movimento em busca de alteridade, de realmente tentar compreender a realidade do outro, e a partir daí, reconstruir a sua realidade. Assim, embora o Projeto Redes tenha uma estrutura que permita e estimule esse movimento, não foi exatamente o que se viu, na pesquisa realizada.

7 REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, C. R. et al. Representações sociais dos afro-descendentes na mídia de massa. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2006. CD-ROM.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado da sociologia do conhecimento**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo agropecuário: 1995/1996**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/default.shtm>>. Acesso em: 16 ago. 2006.
- JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. 420 p.
- JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KÜSTER, Â.; MARTÍ, J. F. (Org.). **Agricultura familiar, agroecologia e mercado no Norte e Nordeste**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004.
- LLANILLO, R. F. **Relatório de viagem técnica**. Londrina: IAPAR, 1988.
- MANUAL operativo do projeto paraná 12 meses. Curitiba: SEAB; BIRD, 1999.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.
- MIRANDA, M. et al. A busca de referências técnicas e econômicas para o desenvolvimento da agricultura familiar no Estado do Paraná através de uma rede de propriedades. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 14., 2001, Belém. **Anais...** Belém: Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção, 2001.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 404 p.
- PASSINI, J. J. et al. Redes de referência como instrumento para o desenvolvimento rural. In: CALZARA, O.; LIMA, R. O. **Brasil rural contemporâneo: estratégia para um desenvolvimento rural de inclusão**. Londrina: EDUEL, 2004.
- QUEIROZ, T. R. Ferramentas de gestão para a agricultura: o de sistemas de custeio e indicadores de desempenho. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2003. CD-ROM.

REDES. **Redes de referência para a agricultura familiar**. Londrina: IAPAR, 2007.

SALDANHA, A. N. K. **Evolução e determinantes da margem bruta em estabelecimentos agropecuários familiares no norte do Paraná, de 1998 a 2003**. 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 2. ed. São Paulo: EPU, 1987.

SOARES JÚNIOR, D. et al. **Redes de referência: intercâmbio Brasil-França: relatório analítico dos trabalhos**

desenvolvidos na viagem técnica à França. Curitiba: IAPAR-EMATER, 2000.

SOUZA, C. C. de et al. Redes de referências: extensão e pesquisa juntas para melhor atender a agricultura familiar. In: REDES de referências para a agricultura familiar: apresentação do enfoque de trabalhos através de descrições de propriedades acompanhadas. Curitiba: SEAB/BIRD, 2000.

SPINK, M. J. P. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.